

**Migração e gênero: reflexões sobre as possibilidades do conceito de transnacionalização**  
**Gender and Migration: Reflections on the Possibilities of the Transnationalization  
Concept**

**Marília Macêdo<sup>1</sup>**

**Emmanuel Brasil<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este artigo examina as dinâmicas contemporâneas das migrações internacionais sob a perspectiva de gênero, analisando particularmente as reconfigurações do trabalho de cuidado e das relações familiares em contextos transnacionais. A partir de uma análise da literatura especializada e dados recentes sobre fluxos migratórios femininos, o estudo evidencia como mulheres migrantes desenvolvem estratégias de autonomia e resistência, mesmo diante de persistentes desigualdades estruturais. O trabalho destaca o papel das redes transnacionais na manutenção de vínculos familiares e práticas de cuidado através das fronteiras, revelando complexas intersecções entre gênero, classe e origem nacional. Os resultados apontam para a necessidade de políticas migratórias que reconheçam especificidades da experiência migratória feminina e ofereçam proteção efetiva a trabalhadoras em mobilidade internacional.

**Palavras-chave:** Migração Internacional; Gênero; Transnacionalismo; Trabalho de Cuidado; Famílias Transnacionais.

**Abstract:** This article examines contemporary dynamics of international migration from a gender perspective, particularly analyzing reconfigurations of care work and family relations in transnational contexts. Through analysis of specialized literature and recent data on female migration flows, the study demonstrates how migrant women develop strategies for autonomy and resistance, even in face of persistent structural inequalities. The work highlights the role of transnational networks in maintaining family bonds and care practices across borders, revealing complex intersections between gender, class, and national origin. Results point to the need for migration policies that recognize specificities of female migration experience and offer effective protection to workers in international mobility.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) e no Peace Studies and International Migration Research Group.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais com Ênfase em Estudos Comparados sobre às Américas pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Titular no Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP). Coordenador do Peace Studies and International Migration Research Group.

**Keywords:** International Migration; Gender; Transnationalism; Care Work; Transnational Families.

## **Introdução**

As migrações internacionais têm sido tradicionalmente analisadas sob uma perspectiva que privilegia experiências masculinas, focando em fluxos laborais e econômicos. No entanto, nas últimas décadas, observa-se um crescente reconhecimento do papel das mulheres nos processos migratórios, não apenas como acompanhantes, mas como protagonistas desses deslocamentos. A feminização das migrações não se resume ao aumento quantitativo da presença feminina, mas também à complexificação das dinâmicas sociais, culturais e econômicas que envolvem gênero, trabalho e família em contextos transnacionais.

Neste artigo, propõe-se uma análise crítica das migrações internacionais sob a lente do gênero, com ênfase nas dinâmicas de cuidado e nas redes familiares transnacionais. O objetivo é problematizar como as migrações reconfiguram relações de gênero, desafiam modelos tradicionais de família e produzem novas formas de organização do trabalho de cuidado. Para isso, dialoga-se com o referencial teórico sobre transnacionalismo, cuidado transnacional e interseccionalidade, buscando compreender as experiências de mulheres migrantes em contextos marcados por desigualdades de gênero, classe e nacionalidade.

Dados recentes do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) destacam o papel crescente das mulheres nos fluxos migratórios para o Brasil, evidenciando a necessidade de abordagens analíticas que considerem as especificidades de suas trajetórias. Em 2022, por exemplo, o Brasil registrou 22.852 solicitações de refúgio feitas por mulheres, um número que reflete não apenas a intensificação dos fluxos migratórios femininos, mas também os desafios relacionados à inserção laboral, à proteção de direitos e à negociação de identidades de gênero em contextos de acolhimento.

Durante muito tempo, as relações de gêneros foram suprimidas dos estudos migratórios, sendo a figurava mulher abordada somente como aquela que acompanha o marido, este sim, agente efetivo do processo migratório. A partir da década de 1980, após duras críticas aos estudos migratórios, as mulheres passam a ganhar maior destaque na literatura sobre a temática (BASTIA, 2014). Tânia e Fernandes (2020) apontam para os avanços nas formulações teóricas que se debruçam sobre a temática, utilizando tanto das teorias feministas quanto das teorias

migratórias e, que, conseqüentemente trouxeram visibilidade para o debate a respeito da migração feminina.

Segundo Delia Dutra (2014), tem-se observado um aumento do fenômeno denominado como feminização das migrações internacionais. São 105 milhões de mulheres que se encontram na situação de migrantes, sendo que em alguns países este quantitativo chega a ser maior que o número de homens migrantes. Conforme salienta a autora, estas mulheres enxergam na migração uma forma de "melhorar de vida", e tirar a família da situação de pobreza que se encontram. É do trabalho realizado no país de destino que estas migrantes poderão assegurar uma vida mais tranquila aos parentes, principalmente os filhos, que, por vezes, ficam no país de origem. Nesse sentido, muitos estudos sobre a migração feminina se debruçam a pesquisar sobre a reorganização familiar, mesmo que temporária, na qual os membros que permaneceram na sociedade de origem passam enquanto esperam o regresso da migrante trabalhadora.

De acordo com os dados da ONU (2019), as mulheres correspondem a aproximadamente metade dos 272 milhões (48%) de pessoas que vivem e trabalham fora dos seus países de origem e nascimento. Há uma vasta literatura de estudos referentes às migrações femininas. Os estudos sobre esse tema desenvolveram-se paralelamente com o crescimento e desdobramentos dos estudos feministas e também em linha com os estudos sobre as migrações internacionais (TONHATI, FERNANDES 2020).

O interesse pelo tema da família nos estudos sobre as migrações internacionais surge de forma concomitante ao da feminização migratória, no instante que passa a ser visto como processo global, gerando notoriedade à discussão. O conceito de família, por momentos foi e é muito contestado, já que geralmente é baseado na visão eurocêntrica do termo e, portanto, acabam ocultando muitas das relações de poder intrafamiliares. Desde então, os estudos envolvendo migrações e gênero foram angariando novas categorias analíticas, como sexualidade, masculinidade, raça, interseccionalidade etc., possibilitando uma compreensão mais aprofundada sobre o fenômeno.

Nas duas últimas décadas o número de pesquisadores e pesquisadoras que dedicam seus estudos a relacionar as questões de gênero e sexualidade com os contextos migratórios, tanto de imigrantes no Brasil, como fluxos migratórios de brasileiros e brasileiras para o exterior tem aumentado consideravelmente. As investigações partem de diferentes disciplinas do

conhecimento, com destaque para antropologia, sociologia, geografia e comunicação, as quais têm contribuído de maneira significativa para a reflexão sobre os fluxos migratórios e a abordagem de gênero e sexualidade nos diferentes processos de inserção social dos coletivos migrantes (BASTIA, 2014). Contudo, grande parte dos estudos ancoram suas construções teóricas, empíricas e metodológicas em experiências de migrações Sul-Norte, produzidas por pesquisadores/as interessados/as com as migrações para e no Norte Global. Tonhati e Fernandes (2020) salientam a importância das reflexões sobre as migrações Sul-Sul partirem de experiências próprias, assim como a adoção de um arcabouço teórico-metodológico que espelhe a realidade local e não sejam meras importações.

Assim, este artigo busca contribuir para o debate acadêmico ao explorar as interseccionalidades que atravessam as experiências de mulheres migrantes, evidenciando como o gênero se articula com outras dimensões da desigualdade social nos processos de migração internacional.

## **2. Fundamentação Teórica**

### **2.1 Gênero e Migrações: uma análise das dinâmicas contemporâneas**

Os estudos migratórios passaram por uma transformação significativa nas últimas décadas ao incorporarem a perspectiva de gênero em suas análises. Anteriormente relegadas a um papel secundário nas pesquisas sobre mobilidade humana, as mulheres emergiram como protagonistas fundamentais dos processos migratórios contemporâneos, desafiando interpretações tradicionais que as limitavam à condição de acompanhantes passivas (BASTIA, 2014).

Esta mudança de paradigma, impulsionada pelos avanços teóricos feministas dos anos 1980, revelou-se particularmente oportuna diante das estatísticas apresentadas pela ONU em 2019: as mulheres constituem 48% da população migrante global, alcançando expressivos 105 milhões de indivíduos. Tal representatividade numérica reflete transformações profundas nas dinâmicas migratórias, evidenciando a diversificação das trajetórias femininas para além das ocupações tradicionalmente associadas ao universo doméstico e do cuidado (TONHATI, FERNANDES, 2020).

De acordo com os dados da ONU (2019), as mulheres correspondem a aproximadamente metade dos 272 milhões (48%) de pessoas que vivem e trabalham

fora dos seus países de origem e nascimento. Há uma vasta literatura de estudos referentes às migrações femininas. Os estudos sobre esse tema desenvolveram-se paralelamente com o crescimento e desdobramentos dos estudos feministas e também em linha com os estudos sobre as migrações internacionais (TONHATI, FERNANDES 2020).

As contribuições seminais de Hondagneu-Sotelo (1994) iluminam aspectos cruciais da experiência migratória feminina, particularmente no que tange à centralidade das redes sociais. Estas estruturas de apoio informal constituem recursos vitais para mulheres em situação de mobilidade, proporcionando acesso a oportunidades laborais, moradia e proteção. Paradoxalmente, estas mesmas redes podem atuar como mecanismos de controle social, perpetuando normativas tradicionais sobre o comportamento feminino.

A complexidade das experiências migratórias femininas demanda uma análise que incorpore o conceito de interseccionalidade, conforme argumentam Silva e Morais (2021). Esta abordagem teórica permite compreender como diferentes marcadores sociais - gênero, raça, classe e nacionalidade - se entrelaçam na configuração de vivências específicas. Joseph e Joseph (2015) enfatizam particularmente a dimensão racial como elemento estruturante das relações sociais no contexto do trabalho migrante, especialmente em setores precarizados.

O deslocamento internacional frequentemente catalisa reconfigurações nas relações de gênero estabelecidas. Dutra (2014) e Bastia (2014) observam que a migração pode simultaneamente proporcionar oportunidades de autonomia e reproduzir disparidades preexistentes. O trabalho no setor de cuidados exemplifica esta dualidade: embora represente uma via de inserção econômica, frequentemente reforça estereótipos de gênero.

As dinâmicas familiares transnacionais constituem outro campo fértil para a análise das relações de gênero na migração. Baldassar (2016) documenta como mulheres migrantes mantêm suas responsabilidades familiares através das fronteiras, desenvolvendo práticas de cuidado transnacional que desafiam concepções tradicionais de presença física e proximidade afetiva.

Herrera (2001) destaca o potencial transformador da experiência migratória como espaço de ressignificação das identidades de gênero. Em contextos adversos, mulheres migrantes desenvolvem estratégias criativas de sobrevivência e autonomia, estabelecendo novas formas de organização social e familiar.

Dados recentes do relatório conjunto OIM-ONU Mulheres (2023) alertam para vulnerabilidades específicas enfrentadas por mulheres em situação de mobilidade, incluindo barreiras no acesso a serviços essenciais, especialmente em contextos de irregularidade migratória. Esta realidade evidencia a necessidade de políticas públicas que contemplem as múltiplas dimensões da experiência migratória feminina.

A análise das interseções entre gênero e migração oferece insights valiosos sobre processos globais contemporâneos, como as transformações no mundo do trabalho, crises humanitárias e impactos das mudanças climáticas. Esta perspectiva analítica revela como desigualdades estruturais são reproduzidas ou contestadas em diferentes contextos migratórios.

Em conclusão, a compreensão das dinâmicas de gênero na migração requer uma abordagem multidimensional, capaz de apreender tanto as vulnerabilidades quanto as potencialidades transformadoras da experiência migratória feminina. Este entendimento mostra-se fundamental para o desenvolvimento de políticas migratórias mais equitativas e inclusivas, que reconheçam e respondam às especificidades das trajetórias femininas em contextos de mobilidade internacional.

## **2.2 Transnacionalismo e Cuidado Transnacional: dinâmicas contemporâneas**

A complexidade das migrações internacionais contemporâneas demanda perspectivas analíticas capazes de apreender seu caráter dinâmico e multifacetado. Parella e Cavalcanti (2017) destacam como a superação de concepções binárias tornou-se imperativa para compreender as nuances dos fluxos migratórios atuais, nos quais indivíduos constroem e mantêm redes, práticas e estilos de vida que conectam simultaneamente sociedades de origem e destino.

O transnacionalismo emerge neste contexto como uma abordagem teórica fundamental. Glick-Schiller e Szanton Blanc (1992) definem este fenômeno como o processo pelo qual migrantes desenvolvem campos sociais que entrelaçam múltiplas sociedades, estabelecendo e mantendo conexões familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas que transcendem fronteiras nacionais. Esta perspectiva ilumina como os chamados "transmigrantes" desenvolvem identidades e práticas que os vinculam simultaneamente a diferentes espaços sociais. Glick-Schiller e Szanton Blanc (1992, p.1-2 apud. PARELLA; CAVALCANTI, 2017, p.710), definem o conceito de transnacionalismo como:

[...] o processo pelo qual imigrantes constroem campos sociais que concentram seus países de origem e seus países de assentamento. Os imigrantes que constroem esses campos sociais são designados “transmigrantes”. Os transmigrantes desenvolvem e mantêm relações múltiplas - que abrangem as relações familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas. Os transmigrantes agem, tomam decisões, sentem preocupações e desenvolvem identidades dentro de redes sociais que os conectam a duas ou mais sociedades simultaneamente.

Portes, Guarnizo e Landolt aprofundam esta discussão ao estabelecerem critérios específicos para identificar práticas genuinamente transnacionais. Conforme sintetizado por Parella e Cavalcanti (2017), estas atividades devem envolver uma proporção significativa de migrantes, demonstrar estabilidade temporal e apresentar características que justifiquem a criação de um novo marco conceitual nas ciências sociais. Parella e Cavalcanti (2017, p.711), destacam três requisitos, propostos por Portes, para identificar se determinada atividade possui caráter transnacional:

I) o processo deve envolver uma proporção significativa de pessoas no universo relevante (a saber, os imigrantes e suas contrapartes nos países de origem); II) as práticas objeto de estudo não podem ser fugazes, transitórias ou excepcionais, mas devem demonstrar certa estabilidade e resistência através do tempo; III) o conteúdo dessas práticas não pode ser capturado a partir de outros conceitos preexistentes nas ciências sociais e humanas, pois implica a criação e o uso de um novo termo que seria redundante e, portanto, desnecessário.

No âmbito destas conexões transnacionais, o cuidado emerge como uma dimensão particularmente reveladora. Tonhati (2016) documenta como as "cadeias globais de cuidados" refletem dinâmicas complexas que conectam o Sul e o Norte globais. Estas cadeias, segundo Orozco, Paiewonsky e García (2008), estruturam-se a partir de eixos de poder vinculados a gênero, raça, etnia, classe e origem nacional, evidenciando desigualdades inerentes à globalização capitalista em sua fase neoliberal.

A análise desenvolvida por Baldassar et al. (2007) revela como fatores macro-estruturais, meso-comunitários e micro-individuais moldam as possibilidades de participação no cuidado transnacional. Políticas migratórias, acesso a tecnologias de comunicação, disponibilidade de redes de apoio e recursos pessoais interseccionam-se na configuração das práticas de cuidado que atravessam fronteiras.

Esta perspectiva ampliada do cuidado transnacional, como propõe Tonhati (2017), compreende-o como um fenômeno recíproco, multidirecional e assimétrico. Tal abordagem supera visões simplificadas que restringem o cuidado a relações diádicas entre mães migrantes e filhos nos países de origem, reconhecendo a complexidade das circulações de afeto, recursos e responsabilidades em contextos transnacionais.

As tecnologias de comunicação desempenham papel crucial na reconfiguração destas práticas de cuidado à distância. Estas ferramentas possibilitam novas formas de presença e conexão afetiva, desafiando concepções tradicionais sobre a natureza do cuidado e das relações familiares. Simultaneamente, evidenciam como o acesso desigual a recursos tecnológicos pode reproduzir e amplificar disparidades existentes.

A feminização das migrações, intrinsecamente ligada às desigualdades globais de gênero, manifesta-se de forma particular nas cadeias transnacionais de cuidado. Mulheres migrantes, especialmente aquelas provenientes de países economicamente periféricos, frequentemente permanecem vinculadas ao trabalho reprodutivo, seja ele remunerado ou não. Esta realidade revela como hierarquias globais de gênero, classe e nacionalidade se reproduzem através das práticas de cuidado transnacional.

A compreensão aprofundada destas dinâmicas transnacionais oferece subsídios fundamentais para o desenvolvimento de políticas migratórias mais equitativas. Reconhecer a complexidade das práticas de cuidado em contextos transnacionais implica considerar não apenas aspectos econômicos e laborais, mas também dimensões emocionais, afetivas e relacionais que caracterizam a experiência migratória contemporânea.

## **2.2 Famílias Transnacionais: reconfigurações e dinâmicas de apoio**

A reconfiguração das relações familiares no contexto das migrações internacionais tem revelado arranjos cada vez mais complexos e dinâmicos. Baldassar (2016) define as famílias transnacionais como unidades sociais que mantêm vínculos significativos mesmo quando geograficamente dispersas, desafiando noções convencionais sobre proximidade e pertencimento familiar. Embora este fenômeno não seja recente, as transformações tecnológicas contemporâneas têm possibilitado novas formas de vivência e manutenção dos laços familiares através das fronteiras.

Bryceson e Vuorela (2002) evidenciam como estas famílias desenvolvem estratégias sofisticadas para preservar papéis tradicionais - incluindo cuidado infantil, suporte econômico e processos decisórios compartilhados - mesmo em contextos de dispersão internacional. Esta capacidade de adaptação demonstra que a coesão familiar transcende a necessidade de coabitação física, manifestando-se através de práticas simbólicas e tecnológicas que redefinem as noções de presença e intimidade.

A dimensão material das relações transnacionais, particularmente expressa através das remessas financeiras, entrelaça-se com aspectos afetivos mediados por tecnologias de comunicação. Baldassar, Baldock e Wilding (2007) destacam como estas práticas de apoio assumem configurações culturalmente específicas, sendo determinadas por expectativas de gênero e obrigações familiares. O sentimento de pertencimento familiar é constantemente renovado através de trocas recíprocas de cuidado que transcendem distâncias espaciais e temporais.

A feminização das migrações adiciona complexidade particular a estas dinâmicas familiares. Hochschild (2001) e Parreñas (2001) documentam como mulheres, especialmente aquelas provenientes de países em desenvolvimento, frequentemente renunciam à convivência física com suas próprias famílias para proporcionar cuidado a famílias em países desenvolvidos. Esta realidade evidencia como as famílias transnacionais estão intrinsecamente conectadas às cadeias globais de cuidado e às demandas do mercado internacional de trabalho reprodutivo.

As redes de apoio emergem como elemento crucial neste contexto, conforme observado por Hondagneu-Sotelo (1994). Estas estruturas, que englobam desde relações familiares extensas até organizações comunitárias, proporcionam suporte emocional, logístico e financeiro essencial para a sustentabilidade das famílias transnacionais. Levitt (2001) demonstra como estas redes transcendem a esfera privada, constituindo espaços de resistência e construção identitária que facilitam tanto a manutenção de vínculos culturais quanto a adaptação a novos contextos.

O relatório da OIM-ONU Mulheres (2023) ressalta como as mulheres frequentemente assumem dupla responsabilidade nestas configurações familiares, atuando simultaneamente como provedoras econômicas e mantenedoras dos vínculos afetivos. Esta sobrecarga pode

resultar em impactos significativos sobre seu bem-estar emocional e saúde mental, evidenciando as tensões inerentes à experiência transnacional.

A experiência das famílias transnacionais revela ainda importantes questões sobre desigualdades de gênero. Zortini (2007) observa que, enquanto a migração pode proporcionar maior autonomia e empoderamento para alguns membros familiares, frequentemente resulta em distribuição desigual de obrigações, especialmente quando são as mulheres que migram. Esta dinâmica expõe como as famílias transnacionais tanto refletem quanto desafiam hierarquias de gênero predominantes em diversas sociedades.

Em síntese, as famílias transnacionais representam uma manifestação complexa das transformações contemporâneas nas relações familiares, caracterizada por constante negociação entre oportunidades e desafios, proximidade e distância, autonomia e obrigação. Sua compreensão demanda análise que considere tanto aspectos estruturais quanto dimensões subjetivas e afetivas das experiências migratórias, reconhecendo como diferentes formas de desigualdade moldam estas configurações familiares.

### **3. Análise e discussão**

#### **3.1 Reconfiguração das relações de gênero no contexto migratório**

Os fluxos migratórios internacionais impactam significativamente as estruturas sociais estabelecidas, particularmente nas relações de gênero. Ao cruzarem fronteiras nacionais, mulheres migrantes encontram-se em territórios onde necessitam negociar suas identidades e papéis sociais, confrontando valores culturais distintos e expectativas diversas sobre comportamento e função social.

Hondagneu-Sotelo (1994) observa que mulheres, ao assumirem o papel de provedoras principais de suas famílias, desestabilizam concepções tradicionais sobre sustento familiar. Esta mudança estrutural frequentemente resulta em transformações nas dinâmicas familiares estabelecidas, gerando tanto possibilidades de autonomia quanto tensões nos relacionamentos existentes.

Dados recentes da OIM-ONU Mulheres (2023) indicam que o acesso ao trabalho remunerado, embora represente potencial avanço na autonomia feminina, nem sempre significa libertação efetiva de estruturas opressivas. Mulheres migrantes frequentemente encontram-se em ocupações precárias, onde marcadores sociais como gênero, origem nacional e classe social interseccionam-se, perpetuando vulnerabilidades preexistentes.

Baldassar (2016) destaca o papel ambivalente das conexões transnacionais neste processo. Estas redes, fundamentais para sobrevivência e adaptação em novos contextos, podem simultaneamente atuar como mecanismos de suporte e controle social. Através delas, circulam recursos materiais e afetivos, mas também expectativas e pressões sobre comportamentos considerados adequados para mulheres migrantes.

O setor de cuidados exemplifica estas complexidades. Conforme analisa Parreñas (2001), trabalhadoras migrantes nesta área enfrentam demandas sobrepostas: precisam oferecer cuidados profissionais em seus países de destino enquanto mantêm responsabilidades familiares através das fronteiras. Esta sobreposição evidencia persistentes desigualdades globais de gênero no trabalho reprodutivo.

Questões linguísticas, discriminação racial e xenofobia frequentemente restringem o acesso destas mulheres a serviços básicos e direitos fundamentais. Em contextos migratórios irregulares, estas barreiras amplificam-se, criando situações onde vulnerabilidades sociais e econômicas entrelaçam-se com questões de gênero.

A análise das transformações nas relações de gênero durante processos migratórios revela padrões complexos de continuidade e ruptura. Enquanto certas mulheres encontram espaços para redefinição identitária e maior autonomia decisória, outras experimentam intensificação de controles sociais preexistentes. Esta variabilidade demanda análises que considerem múltiplos níveis de interação entre fatores individuais e estruturais.

As reconfigurações observadas nas relações de gênero durante processos migratórios refletem transformações sociais mais amplas. Estudar estas dinâmicas permite compreender como desigualdades globais manifestam-se em experiências individuais, revelando interconexões entre processos locais e globais na construção de relações de gênero **contemporâneas**.

### **3.2 Trabalho de Cuidado e Migração: análise das dinâmicas contemporâneas**

O setor de cuidados emerge como território fundamental nas trajetórias migratórias femininas contemporâneas, revelando complexas dinâmicas sociais e econômicas. Neste campo, manifestam-se múltiplas camadas de desigualdade que atravessam dimensões como gênero, origem nacional e posição socioeconômica, moldando experiências particulares de mulheres em mobilidade.

Dados compilados pela OIM-ONU Mulheres (2023) documentam concentração significativa de trabalhadoras migrantes em atividades relacionadas ao cuidado doméstico, acompanhamento de idosos e atenção infantil. Estas ocupações caracterizam-se frequentemente por jornadas extensas, remuneração insuficiente e fragilidade nos vínculos trabalhistas, expondo trabalhadoras a situações de vulnerabilidade material e emocional.

Parreñas (2001) identifica nestas configurações laborais reflexos de hierarquias globais persistentes. Sua análise revela como demandas por trabalho de cuidado em países economicamente privilegiados mobilizam mulheres de regiões periféricas, gerando redes de dependência que conectam diferentes territórios. Este processo frequentemente resulta na transferência de responsabilidades de cuidado para outras mulheres nos países de origem, perpetuando ciclos de precarização do trabalho reprodutivo.

Silva e Morais (2021) aplicam perspectiva interseccional para compreender como diferentes marcadores sociais condicionam experiências no setor de cuidados. Mulheres racializadas enfrentam barreiras específicas tanto em relações laborais quanto em interações sociais cotidianas, evidenciando como discriminações raciais e étnicas amplificam vulnerabilidades associadas à condição migratória.

Baldassar (2007) documenta impactos emocionais significativos decorrentes da separação familiar. Tecnologias comunicacionais, embora permitam manutenção de vínculos afetivos, nem sempre compensam ausências físicas prolongadas. Trabalhadoras frequentemente desenvolvem quadros de ansiedade e depressão relacionados ao distanciamento de familiares, particularmente filhos sob cuidado de terceiros em seus países natais.

Observa-se, contudo, desenvolvimento de estratégias particulares de resistência entre trabalhadoras migrantes do setor de cuidados. Articulações comunitárias, participação em

organizações sociais e construção de redes informais de apoio emergem como mecanismos fundamentais para navegação de contextos adversos, demonstrando capacidade de agência mesmo em circunstâncias restritivas.

A análise destas dinâmicas oferece subsídios importantes para elaboração de políticas migratórias e trabalhistas. Reconhecer especificidades do trabalho de cuidado em contextos transnacionais torna-se fundamental para promoção de condições laborais dignas e proteção efetiva de direitos de trabalhadoras migrantes.

### **3.2 Autonomia e Resistência nos Processos Migratórios: entre possibilidades e limitações**

A experiência migratória feminina revela tensões significativas entre potenciais transformadores e estruturas limitantes. Mulheres em mobilidade internacional navegam territórios complexos onde oportunidades de emancipação coexistem com persistentes desigualdades estruturais, configurando um campo de possibilidades marcado por contradições fundamentais.

Dados compilados pela OIM-ONU Mulheres (2023) revelam como o acesso ao trabalho remunerado, embora represente possível avanço na autonomia feminina, frequentemente materializa-se em setores econômicos precarizados. Esta inserção laboral, principalmente em atividades domésticas e de cuidado, expõe limites concretos do potencial emancipatório da experiência migratória, evidenciando persistência de hierarquias sociais estabelecidas.

Marcos regulatórios restritivos amplificam vulnerabilidades preexistentes. Ausência de documentação regular frequentemente resulta em acesso limitado a serviços essenciais e proteção social, criando condições onde exploração laboral prospera sem mecanismos efetivos de contenção. Discriminações baseadas em origem nacional, pertencimento racial e identidade de gênero entrelaçam-se, compondo barreiras significativas para mobilidade social.

Baldassar (2016) documenta, contudo, desenvolvimento de estratégias particulares de resistência. Articulações comunitárias emergiram como recursos fundamentais, proporcionando suporte material e afetivo essencial para navegação de contextos adversos. Estas redes transcendem funções imediatas de sobrevivência, constituindo espaços de construção identitária e fortalecimento coletivo.

Manifestações de resistência assumem formas diversas no cotidiano migrante. Preservação de práticas culturais, transmissão linguística intergeracional e manutenção de vínculos transnacionais representam atos significativos de afirmação identitária. Estas práticas, aparentemente modestas, carregam potencial transformador ao contestarem lógicas assimilacionistas predominantes em sociedades receptoras.

Reconfigurações nas relações familiares evidenciam potenciais transformadores da experiência migratória. Mulheres, ao assumirem papel de provedoras principais, frequentemente catalisam mudanças em dinâmicas familiares estabelecidas. Este processo, embora permeado por tensões, possibilita questionamentos de normativas tradicionais e emergência de novos arranjos sociais.

Simultaneamente, observa-se perpetuação de desigualdades através de mecanismos renovados. Expectativas culturais sobre papéis femininos persistem tanto em comunidades de origem quanto em contextos de destino. Ausência de políticas públicas adequadas para conciliação entre trabalho e responsabilidades familiares amplifica sobrecarga experimentada por mulheres migrantes.

A análise destas dinâmicas oferece subsídios importantes para elaboração de políticas migratórias. Reconhecer complexidades inerentes à experiência migratória feminina torna-se fundamental para desenvolvimento de mecanismos institucionais que efetivamente promovam direitos e oportunidades para mulheres em mobilidade internacional.

#### **4. Considerações Finais**

A análise das dinâmicas de gênero em contextos migratórios revela configurações particulares na interseção entre mobilidade internacional e relações sociais. O exame das evidências apresentadas demonstra como experiências migratórias femininas constituem campo fértil para compreensão de transformações sociais contemporâneas, especialmente no que tange

às reconfigurações do trabalho de cuidado e às estratégias de autonomia desenvolvidas por mulheres em situação de mobilidade.

Baldassar (2016) oferece subsídios importantes para compreender como redes transnacionais moldam experiências migratórias femininas. Suas análises evidenciam que vínculos estabelecidos através de fronteiras nacionais funcionam simultaneamente como recursos de sobrevivência e mecanismos de controle social, revelando ambiguidades inerentes aos processos migratórios contemporâneos.

O trabalho de cuidado, conforme documentado por Parreñas (2001), emerge como território privilegiado para observação de persistentes hierarquias globais. Cadeias transnacionais de cuidado revelam como demandas laborais em países economicamente privilegiados mobilizam trabalhadoras de regiões periféricas, perpetuando assimetrias históricas através de novas configurações. Dados recentes da OIM-ONU Mulheres (2023) corroboram esta análise, documentando concentração significativa de trabalhadoras migrantes em setores relacionados ao cuidado.

A perspectiva interseccional, desenvolvida por Silva e Morais (2021), demonstra-se instrumental para compreensão de como diferentes marcadores sociais condicionam experiências migratórias. Mulheres racializadas enfrentam barreiras específicas tanto em relações laborais quanto em interações sociais cotidianas, evidenciando necessidade de análises que considerem múltiplas dimensões de desigualdade.

Hondagneu-Sotelo (1994) documenta desenvolvimento de estratégias particulares de resistência entre mulheres migrantes. Articulações comunitárias e redes informais de apoio emergem como mecanismos fundamentais para navegação de contextos adversos, demonstrando capacidade de agência mesmo em circunstâncias restritivas.

A análise apresentada sugere necessidade de políticas migratórias que reconheçam especificidades das experiências femininas em contextos de mobilidade internacional. Instrumentos regulatórios existentes frequentemente desconsideram particularidades do trabalho de cuidado transnacional, resultando em proteção insuficiente para trabalhadoras migrantes.

Desenvolvimentos teóricos futuros beneficiar-se-iam de investigações aprofundadas sobre impactos de transformações tecnológicas em dinâmicas transnacionais de cuidado. Ademais, análises comparativas entre diferentes contextos regionais poderiam iluminar variações em estratégias de autonomia desenvolvidas por mulheres migrantes.

Em conclusão, compreender intersecções entre gênero e migração demanda reconhecimento da complexidade inerente a estas dinâmicas sociais. Experiências de mulheres em mobilidade internacional oferecem perspectivas valiosas sobre transformações contemporâneas em relações de gênero, trabalho e cuidado, contribuindo para desenvolvimento de análises mais refinadas sobre processos migratórios globais.

### **Referências Bibliográficas**

BALDASSAR, L. Missing kin and longing to be together: emotions and the construction of co-presence in transnational relationships. *Journal of Intercultural Studies*, v. 29, n. 3, p. 247-266, 2007.

BALDASSAR, L. *Transnational Families: New Perspectives in Family Studies*. New York: Routledge, 2016.

BASTIA, T. La reproducción de las desigualdades de género en origen y en destino: un estudio transnacional a partir de las migraciones bolivianas. *Papeles del CEIC*, v. 2014/2, n. 110, 2014.

BRYCESON, D.; VUORELA, U. *The Transnational Family: New European Frontiers and Global Networks*. Oxford: Berg Publishers, 2002.

CARSTEN, J. (Ed.). *Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

DUTRA, D. *Migração internacional e trabalho doméstico: mulheres peruanas em Brasília*. Brasília: CSEM; Sorocaba: OJM, 2014.

GLICK SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. Towards a definition of transnationalism. *Annals of the New York Academy of Sciences*, v. 645, n. 1, p. ix-xiv, 1992.

HERRERA, G. *Género y migración internacional en la experiencia latinoamericana*. Ecuador: FLACSO, 2001.

HOCHSCHILD, A. R. Global care chains and emotional surplus value. In: HUTTON, W.; GIDDENS, A. (Eds.). *On the edge: living with global capitalism*. London: Jonathan Cape, 2001.

HONDAGNEU-SOTELO, P. *Gendered Transitions: Mexican Experiences of Immigration*. Berkeley: University of California Press, 1994.

JOSEPH, T. D.; JOSEPH, H. Gendered Migrations. *Annual Review of Sociology*, v. 41, p. 399-418, 2015.

LEVITT, P. *The Transnational Villagers*. Berkeley: University of California Press, 2001.

OIM-ONU MULHERES. *Género, migración y tareas del cuidado: Perspectivas desde América Latina*. 2023.

OROZCO, A.; PAIEWONSKY, D.; GARCÍA, M. *Cruzando fronteras II: Migración y desarrollo desde una perspectiva de género*. Santo Domingo: UN-INSTRAW, 2008.

PARELLA, S.; CAVALCANTI, L. Transnacionalismo. In: CAVALCANTI, L.; BOTEAGA, T.; TONHATI, T. (Org.). *Dicionário crítico de migrações internacionais*. Brasília: Editora UnB, 2017. p. 710-714.

PARREÑAS, R. S. *Servants of Globalization: Women, Migration, and Domestic Work*. Stanford: Stanford University Press, 2001.

SILVA, M. A. M.; MORAIS, S. S. Interseccionalidades e migrações: desafios teórico-metodológicos no contexto das mobilidades humanas. *Tomo*, v. 38, p. 7-42, 2021.

TONHATI, T. Cuidado transnacional. In: CAVALCANTI, L.; BOTEAGA, T.; TONHATI, T. (Org.). *Dicionário crítico de migrações internacionais*. Brasília: Editora UnB, 2017. p. 164-171.

TONHATI, T.; FERNANDES, D. Migração Internacional, gênero e família no Brasil. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. (Org.). *Imigração e Refúgio no Brasil*. Brasília: OBMigra, 2020.

ZORTINI, E. Transnational families. *Sloan Work and Family Research Network Encyclopedia*, 2007.